



Veredas Atemática

Volume 22 – nº 2 – 2018

A perspectivização em títulos de notícias jornalísticas

Sávio André de Souza Cavalcante*
Valdecy de Oliveira Pontes**

RESUMO: Objetivamos verificar, em manchetes jornalísticas, as situações de harmonia e desarmonia entre fluxo de atenção natural e linguístico, com base na Hipótese do Fluxo de Atenção (DELANCEY, 1981) e nos postulados da Gramática Funcional (DIK, 1997a [1989]; 1997b), a partir da análise de sentenças extraídas de três *sites* de notícias *online*. Os resultados mostraram que, na maioria dos casos, o fluxo de atenção natural se harmoniza com o linguístico, e as motivações para os desvios (topicalizações, passivização, etc.) são inseridas para ressaltar um dos participantes da cena descrita. Conclui-se que a codificação linguística nos *sites* de notícias se estrutura sobre processos pragmático-discursivos, que auxiliam no processo de interpretação dos estados de coisas narrados.

Palavras-chave: perspectivização; ponto de vista; fluxo de atenção.

Introdução

Em textos jornalísticos, especificamente, em jornais impressos e digitais, diversos recursos são utilizados para que a notícia chame a atenção de seus leitores, os compradores do produto-notícia. Para que os fatos saltem aos olhos, entram em cena recursos tipográficos (tamanho de letra, uso de negrito, itálico etc.) e imagéticos (figuras, fotos, tabelas, quadros etc.). Aquele que apresentar a notícia de forma mais “atraente” ganha o leitor e comprador. Lopes (2010) mostra que “os processos de seleção, organização, tratamento e apresentação da informação contêm intencionalidade (...). A luta pela sobrevivência de determinada ‘faixa de mercado’ condiciona a sua gramática de produção” (LOPES, 2010, p. 5).

* Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Professor tutor do Instituto Universidade Federal do Ceará Virtual / Universidade Aberta do Brasil, nos cursos de graduação Letras-Português e Letras-Espanhol, na modalidade a distância.

** Professor Adjunto em Letras-Espanhol/ Letras-Português/Espanhol da Universidade Federal do Ceará.

Dessa maneira, percebe-se que a apresentação linguística da notícia narrada também contribui de maneira significativa para um maior alcance do periódico. Ressaltar um dos participantes da cena mostrada, operar perspectivização, realizar focalizações e topicalizações são recursos muito comuns em manchetes jornalísticas. Portanto, o presente artigo pretende mostrar como esses recursos linguísticos são utilizados em diversos textos jornalísticos e de que maneira a apresentação da notícia varia de um suporte a outro. Além disso, pretendemos mostrar as situações de harmonia e desarmonia entre fluxo de atenção natural e linguístico, com base na Hipótese do Fluxo de Atenção (DELANCEY, 1981). Para tanto, foram coletadas manchetes que correspondiam à mesma situação extralinguística em um *blog* de notícias de alcance local (Blog Cardoso Silva)¹, um jornal de alcance regional (Jornal O Povo)² e outro de alcance nacional e internacional (Jornal O Globo)³, de maneira a verificar como opera a perspectivização nesses três suportes.

A teoria que dará conta da análise qualitativa será a discussão de DeLancey (1981) sobre as noções de “ponto de vista e fluxo de atenção” e os pressupostos da gramática funcional de Dik (1997a [1989], 1997b), que serão expostos na seção seguinte. Hipotetizamos que, no gerenciamento e na disposição dos itens nas sentenças, os falantes as organizam de modo a ressaltar itens considerados mais importantes. Nesse sentido, concordamos com Camacho (2002), quando afirma que, “como as funções de sujeito e objeto podem ser atribuídas a termos com diferentes funções semânticas, é justamente essa atribuição que reorganiza a orientação básica inerente da predicação” (CAMACHO, 2002, p. 261). Essas questões serão discutidas na seção seguinte, intitulada “Referencial teórico”. Logo, na seção posterior, explanar-se-ão os procedimentos metodológicos utilizados, seguidos da apresentação e discussão dos resultados. Ao final, seguem-se as considerações finais e as referências utilizadas na pesquisa.

1. Referencial teórico

As análises empreendidas aqui terão como base discussões no âmbito do funcionalismo linguístico. Nesta seção, discutiremos os postulados de DeLancey (1981), acerca de ponto de vista e fluxo de atenção; de Dik (1997a [1989], 1997b), acerca da tipologia dos estados de coisas, dos papéis semânticos e da hierarquia de animacidade; e de Camacho (2002), cujo texto traz uma aplicação desses conceitos a dados do português. Esses autores ajudarão a fornecer as bases teóricas para a análise dos dados. Começamos pela proposta de DeLancey (1981).

1.1. Ponto de vista e fluxo de atenção (DELANCEY, 1981)

DeLancey (1981) discute acerca das noções psicológicas de fluxo de atenção (doravante FA) e ponto de vista (doravante PV), conceitos bastante retomados pelos adeptos das teorias de cunho funcionalista em Linguística. O autor retoma Fillmore (1977), inserindo essas noções numa visão de semântica que toma uma parte significativa da estrutura semântica como uma lista de cenas prototípicas, especificadas por um conjunto canônico de participantes.

Em sua exposição, DeLancey (1981) ainda mostra que os enunciados linguísticos descrevem eventos, imaginários ou reais, pela invocação de cenas prototípicas e pela identificação de papéis dos participantes com entidades existentes no universo discursivo. Nem todos os aspectos do evento prototípico são retratados com o mesmo nível de interesse, ou seja,

¹ Disponível em: <<http://www.blogcardososilva.com.br/>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

² Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

a língua dispõe de recursos para destacar os itens mais relevantes. Nesse sentido, o FA e o PV são os parâmetros a partir dos quais elementos linguísticos podem ser usados para destacar determinadas entidades envolvidas no discurso narrado. Marcação de caso, concordância verbal, marcação de voz e ordem dos constituintes são mecanismos que expressam o FA e o PV, como exemplificaremos a seguir.

No que se refere ao FA, ele determina a ordem linear dos sintagmas nominais (doravante SN's). Assim, os elementos são organizados pelos falantes na ordem em que desejam ser ouvidos. O FA pode ser gerenciado por diversos mecanismos linguísticos, como ordens diferentes para os SN's, vozes verbais alternativas e topicalizações. O autor distingue um FA natural e um FA linguístico. O primeiro se refere à ordenação temporal das fases do evento, como no exemplo (01):

(01) I drove from Bloomington to Philadelphia (DELANCEY, 1981, p. 633).
*Eu dirigi de Bloomington a Philadelphia*⁴.

Ou seja, na realidade extralinguística, o ponto de partida do FA natural é algo que se move de uma origem a uma meta. Quando, por exemplo, há descompasso entre o FA natural e o linguístico, a sentença se torna fortemente marcada, como em (02), requerendo motivações especiais para sua produção.

(02) I drove to Philadelphia from Bloomington (DELANCEY, 1981, p. 633).
Eu dirigi para Philadelphia de Bloomington.

Nas sentenças (01) e (02), o ponto de partida do FA é o sujeito da sentença, mas o ponto de partida também pode ser a origem, como em (03), e nunca a meta, o que ocasionaria uma sentença agramatical, como em (04).

(03) From Bloomington I drove to Philadelphia (DELANCEY, 1981, p. 633).
De Bloomington eu dirigi para Philadelphia.

(04) *To Philadelphia I drove from Bloomington (DELANCEY, 1981, p. 633).
**Para Philadelphia eu dirigi de Bloomington.*

Segundo o autor, isso se dá porque a origem representa o real ponto de partida do evento e é, portanto, forte candidato a ser ponto de partida linguístico. Dessa maneira, se há uma relação entre a estrutura semântica e cognitiva com a noção de fluxo de atenção e se há casos mais marcados que refletem um FA não natural, são resultados de processos, tais como topicalizações, tematizações etc. (DELANCEY, 1981).

DeLancey (1981), explicando com mais detalhes a questão do PV, mostra que nem sempre os eventos são descritos de um ponto de vista objetivo e externo. O autor mostra que os três papéis de participantes que os eventos prototípicos apresentam costumam ser preenchidos,

⁴ Todas as traduções neste trabalho são de nossa responsabilidade.

em geral, por até dois atores humanos. Desse modo, a sentença pode ser narrada de um ponto de vista externo (observador desinteressado) ou mais interno (associado a um dos participantes). Por exemplo, no uso de verbos como “ir” e “vir”, a escolha pela segunda forma, mais marcada, aponta a localização particular em que o falante está ao descrever a cena. O gerenciamento do ponto de vista também pode ajudar a explicar desarmonias entre fluxo de atenção natural e linguístico, como, por exemplo, na sentença (02). Provavelmente, nesse caso particular, o falante está enunciando a partir da *Philadelphia*, por isso operou a ordem meta-origem, em desarmonia com o fluxo de atenção natural, que prevê a ordem origem-meta.

Como as noções de FA e PV estão intimamente associadas aos participantes do evento, discutamos, na seção seguinte, a proposta de Dik (1997a [1989], 1997b) acerca dos tipos de estados de coisas, papéis semânticos e hierarquia de animacidade.

1.2. A estrutura da oração, “estados de coisas”, papéis semânticos e hierarquia de pessoa/animacidade (DIK, 1997a [1989], 1997b)

Dik (1997a [1989]) explica que o cerne da estrutura da cláusula subjacente é formado por uma predicação, dividida em três níveis: a predicação nuclear, composta do predicado e de seus argumentos; a predicação central, que consiste da predicação nuclear, estendida por operadores (π_1) e satélites (σ_1) do predicado; e a predicação estendida, que se trata da predicação central provida de um “Estado de Coisas” (doravante EsCo) variável (e_1) e modificada por operadores (π_2) e satélites (σ_2) da predicação.

Ainda segundo o autor, a predicação nuclear consiste de termos que designam entidades em algum mundo e de predicados que designam propriedades ou relações entre entidades. Essa predicação nuclear designa um conjunto de EsCo, em que cada membro é definido por uma propriedade particular ou relação designada pelo predicado. O termo “Estado de Coisas” é usado com o sentido de “alguma coisa que pode ser o acontecimento em algum mundo⁵” (DIK, 1997, p. 105). Sendo assim, como mostra o autor, é uma entidade conceitual, e não o que pode ser localizado em uma realidade extramental ou existente no mundo real.

Os EsCo podem ser divididos em diferentes tipos, de acordo com seus valores para uma série de parâmetros semânticos, entre os quais se incluem: \pm Dinâmico, \pm Télico, \pm Controle. Vejamos:

(05) John’s money is in an old sock. [-din] (DIK, 1997a [1989], p. 114).

O dinheiro de John está em uma meia velha.

(06) John cut down the tree for my sake. [+din] (DIK, 1997a [1989], p. 114).

John cortou a árvore por minha causa.

(07) John was painting. [-tel] (DIK, 1997a [1989], p. 108).

John estava pintando.

(08) John walked to the station. [+tel] (DIK, 1997a [1989], p. 109).

John caminhou até a estação.

(09) The tree fell down. [-con] (DIK, 1997a [1989], p. 112).

⁵ Cf.: “something which can be the case in some world” (DIK, 1997a [1989], p. 105).

A árvore caiu.

- (10) John opened the door. [+con] (DIK, 1997a [1989], p. 112).
John abriu a porta.

Os eventos descritos em (05) e (06) ajudam a explicar o traço \pm Dinâmico, que se relaciona com mudança de estado. Em (05), não há mudança, já que o dinheiro de John continua na mesma posição. Pelo contrário, em (06), operou-se mudança no estado inicial da árvore, que foi cortada. Os exemplos (07) e (08) ilustram o segundo traço, \pm Télico, relacionado ao ponto de término da ação. O evento descrito em (07) é considerado [-tel], porque não se observa um ponto natural de término, já que John pode continuar pintando. Pelo contrário, em (08), a ação de caminhar até a estação é dada como finalizada, recebendo, portanto, o traço [+tel]. Com os exemplos (09) e (10), ilustramos o traço \pm Controle, que se relaciona a uma entidade controladora do evento. Em (09), a queda da árvore não foi voluntária, ao contrário da abertura da porta em (10) por John. Por isso, o EsCo descrito em (09) recebe o traço [-con], enquanto o narrado em (10) recebe o traço [+con].

Os parâmetros descritos acima determinam os tipos de EsCo: ação, processo ou estado. Predicados de ação recebem os traços [+din] e [+con], como ilustrado em (06), em que há mudança de estado controlada por uma entidade, John. Os de processo apresentam os traços [+din] e [-con], como em (09), em que há mudança de estado, mas sem uma força controladora. Já os predicados de estado apresentam os traços [-din] e [-con], como em (05), já que a entidade “dinheiro de John” não tem controle sobre seu estado.

Desse modo, é necessário postular uma tipologia em que os argumentos do predicado também assumem funções semânticas. Para Dik (1997a[1989]), o primeiro argumento⁶ pode assumir, entre outras, as seguintes funções:

- Agente, quando a entidade controla a ação, como John, em (06);
- Processado, quando a entidade sofre/passa por um processo, como a árvore, em (06);
- Zero (\emptyset), quando se trata de uma entidade envolvida em um estado, como o dinheiro de John, em (05).

O teórico ainda pontua outros papéis temáticos, como objetivo, beneficiário, locativo, direção, origem e referência. De todos os papéis temáticos, o autor aponta o processado, o zero, o objetivo e o beneficiário como portadores do traço [+experiência], ou seja, nesses casos, um ser animado percebe, sente, quer, concebe ou experimenta algo.

Outro importante postulado do autor é a proposta de uma Hierarquia de Pessoa/Animacidade (DIK, 1997a [1989]), que, segundo Camacho (2002), reforça a ideia de que o falante seleciona o mesmo SN para ponto de partida e fluxo de atenção. Ou seja, há “prioridades” na apresentação dos argumentos na sentença. Abaixo, apresenta-se a proposta do funcionalista holandês:

⁶ Para detalhar a noção de “primeiro argumento”, Dik (1997a [1989]) sugere a leitura de Groot (1981).

[P1, P2] > P3 humano > animado > força inanimada > inanimado
(DIK, 1997a[1989], p. 37).

Mais à esquerda na hierarquia está o SN mais marcado, o que estabelece a concordância verbal. Na extremidade direita está uma característica semântica que revela desarmonia entre FA natural e linguístico (CAMACHO, 2002). Aplicando essa hierarquia na análise da sentença (06), por exemplo, observamos a prioridade dada ao agente (John – P3 humano) em detrimento da entidade que sofre o processo, a árvore (P3 – inanimado).

A Hierarquia de Pessoa/Animacidade, de Dik (1997a [1989]), ou Hierarquia de Empatia, em DeLancey (1981), revela que é mais natural que a sentença tenha como PV um dos participantes envolvidos na situação discursiva. Assim, Camacho (2002) teoriza que o PV mais natural da sentença é aquele que se constrói a partir da perspectiva do falante, quando este é parte do evento relatado.

2. Metodologia

As sentenças analisadas aqui retratam cinco eventos que foram notícias em jornais durante os meses de agosto e dezembro de 2013, a saber: a negação do pedido de semiaberto para Susane Richthofen, a vitória da Seleção Brasileira sobre a seleção de Honduras, o assassinato de um promotor em Pernambuco, a greve da rede bancária e a causa de apagões no Nordeste. Esses eventos foram escolhidos, em princípio, aleatoriamente, e depois, por terem sido relatados, unanimemente, nos três veículos de informação escolhidos, e com títulos diferentes. As manchetes que desobedeciam a esses padrões de coleta foram descartadas.

As manchetes foram coletadas em três fontes disponíveis na internet, considerando a região Nordeste do Brasil – um *blog* de notícias local (“Blog Cardoso Silva”), um jornal de alcance regional (“O povo”) e outro de alcance nacional e internacional (“O globo”). O objetivo era observar como o fator alcance poderia também influenciar a construção da perspectivização.

Ao todo, quinze sentenças, cinco para cada suporte, foram analisadas de acordo com os princípios da gramática funcional de Dik (1997a [1989], 1997b) e a Hipótese do Fluxo de Atenção de DeLancey (1981). Também se recorreu às considerações de estudos anteriores, em especial, o de Bertoque e Casseb-Galvão (2010), que analisou as construções de voz em títulos de notícias e manchetes de jornais e utilizou o suporte teórico de Givón (2001), autor também considerado nesta análise.

3. Análise e discussão dos resultados

Das quinze sentenças escolhidas para compor a análise, um pouco mais da metade delas (8/53,3%) revelou harmonia entre FA linguístico e natural. Segundo Pezatti (1994, p. 44), tal fato explica o porquê de “ser a sequência sujeito-objeto a ordem mais comum de palavras nas línguas humanas”. A autora, também, guiada pelos conceitos de DeLancey (1981), explica que “o fluxo de atenção na sentença transitiva parte do agente (Origem) para o paciente (Meta); e nos eventos de percepção, o ponto de partida é o experienciador e o elemento percebido, Meta” (PEZATTI, 1994, p. 44). Essa relação icônica, portanto, exerce forte influência sobre a escolha do ponto de partida do FA nos enunciados linguísticos. Segue-se agora à apresentação detalhada dos dados.

3.1. Casos de harmonia entre FA natural e FA linguístico

A primeira sentença a ser analisada aqui se refere ao resultado do jogo entre Brasil e Honduras. A seleção brasileira ganhou com cinco gols contra nenhum de seu adversário. Observa-se o uso de verbos ou expressões (em negrito) que revelam o impressionante placar:

(10) Seleção Brasileira **deixa** hondurenhos **no chinelo** com goleada de 5 a 0 (“Blog Cardoso Silva”, 17/11/2013, grifos nossos)⁷.

(11) Brasil **atropela** ‘seleção de MMA’ de Honduras em jogo nada amistoso (“O povo”, 17/11/2013, grifo nosso)⁸.

(12) Seleção brasileira **goleia** Honduras nos EUA: 5 a 0 (“O globo”, 17/11/2013, grifo nosso)⁹.

Como era de se esperar, a codificação linguística revela a mesma ordem em que os eventos acontecem. O agente, a origem da ação, na posição de sujeito, posição tipicamente de referentes com traço [+humano] desencadeia uma ação, alterando o estado do referente na posição de objeto. O sujeito agente ora é apresentado como um conjunto inanimado de elementos humanos (SILVA, 1991), nos exemplos (10) e (12), e ora é apresentado como o nome do país-origem dos jogadores, em (11). O mesmo se dá com o objeto.

Destaca-se aqui a notícia (11), em que, se não houvesse a menção à palavra “jogo”, seria quase impossível detectar apenas pelo título que se trata de uma partida de futebol. Das três, é a notícia cujo evento real é o mais difícil de ser recuperado, exigindo mais atenção do leitor para sua interpretação.

As notícias seguintes também foram amplamente divulgadas nos jornais do Brasil. Dias atrás, os bancos estavam em greve e, todos os dias, o leitor esperava abrir o jornal e verificar o anúncio do fim da paralisação, até que, por fim, depara-se com as notícias abaixo:

(13) Rede privada encerra greve bancária (“Blog Cardoso Silva”, 12/10/2013)¹⁰.

(14) Funcionários de bancos particulares entram em acordo e encerram a greve (“O povo”, 11/10/2013)¹¹.

(15) BB e bancos privados encerram greve em São Paulo (“O globo”, 11/10/2013)¹².

A sentença (14) traz como ponto de partida do fluxo de atenção natural e linguístico um sujeito com traço [+humano], o que confere validade à Hierarquia de Pessoa/Animacidade, apresentada em Dik (1997a [1989]). Nas sentenças (13) e (15), a proposta do autor se torna

⁷ Link da notícia não mais disponível, já que os arquivos do *blog* são a partir de 2014.

⁸ Link da notícia não mais disponível no *site* do jornal.

⁹ Extraído de: <<https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/selecao-brasileira-goleia-honduras-nos-eua-5-0-10799498>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

¹⁰ Link da notícia não mais disponível, já que os arquivos do *blog* são a partir de 2014.

¹¹ Link da notícia não mais disponível no *site* do jornal.

¹² Extraído de: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/10/bb-e-bancos-privados-encerram-greve-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

válida no sentido de que se podem considerar os referentes “Rede privada” e “BB e bancos privados”, utilizados em sentido metafórico, referindo-se aos funcionários dos bancos.

A notícia (15) também traz o destaque para o local onde os eventos se deram. O termo “em São Paulo”, de acordo com Dik (1997a [1989]), funciona como satélite, termo que não é necessariamente requerido pelo predicado, mas traz informações adicionais/opcionais pertencentes à localização do EsCo. Sendo opcional, sua presença pode ser explicada por motivações especiais. Como “O globo” se trata de um jornal de alcance nacional e internacional, faz-se necessário pontuar onde se deram os eventos, situando o EsCo no espaço. De acordo com Bertoque e Casseb-Galvão (2010, p. 72), é comum, em jornais de largo alcance, “a referência locativa nos títulos das notícias”. Contudo, a informação focal não é o lugar onde se deram os fatos, mas o relato sobre os agentes que deram fim à greve. Desse modo, o escritor selecionou essas entidades como ponto de partida e dispôs a informação sobre o lugar dos fatos apenas no fim da sentença.

3.2. Casos de desarmonia entre FA natural e FA linguístico

A próxima notícia a ser analisada foi divulgada por todo o Brasil e virou manchete de jornais durante muito tempo: o crime atribuído a Susane Richthofen, pelo assassinato de seus pais. O assunto foi amplamente comentado, caiu no anonimato, mas voltou à tona com o andamento do caso. Seguem as notícias abaixo:

(16a) Negado pedido de Susane Richthofen para cumprir regime semiaberto (“O povo”, 01/12/2013 às 09h04)¹³.

(16b) Ministro nega regime semiaberto para Susane Richthofen (“O povo” – 01/12/2013 às 17h)¹⁴.

(17) Ministro do STF nega pedido de transferência de Susane Von Richthofen (“O globo”, 02/12/2013)¹⁵.

As manchetes (16b) e (17) revelam harmonia entre fluxo de atenção natural e linguístico, pois o verbo “negar” tem seus argumentos ordenados na direção Origem-Objetivo-Meta. O destaque que se faz é para a sentença (16a), em que se observa um processo de redução da construção passiva (BERTOQUE; CASSEB-GALVÃO, 2010). Segundo as autoras, tal processo é um “enxugamento” textual, aproximando extensionalmente a construção passiva a uma ativa. Elas mostram também que “a construção passiva reduzida tem considerável recorrência na forma ergativa” (BERTOQUE; CASSEB-GALVÃO, 2010, p. 72), como no exemplo abaixo, extraído do texto das autoras:

(18) **Sepultada** goiana (SujPac) morta em rodeio (ObjLoc) (“O Popular”, 25/05/2009) [título da notícia] (BERTOQUE; CASSEB-GALVÃO, 2010, p. 72, grifo das autoras).

¹³ Link da notícia não mais disponível no *site* do jornal.

¹⁴ Link da notícia não mais disponível no *site* do jornal.

¹⁵ Extraído de: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/ministro-do-stf-nega-pedido-de-transferencia-de-suzane-von-richthofen-10946477.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

A sentença (16a) topicaliza a informação que todos os leitores estavam esperando há dias no transcurso do pedido de semiaberto para Susane Richthofen. Iniciar a manchete com “aceito” ou “negado” chama mais a atenção do leitor que está acompanhando o caso.

As notícias seguintes, construídas em voz passiva, retratam o assassinato de um promotor pernambucano:

(19) Promotor é emboscado e assassinado em rodovia no Agreste Pernambucano (“Blog Cardoso Silva”, 14/10/2013)¹⁶.

(20) Promotor de Justiça é assassinado com 20 tiros em PE (“O povo”, 14/10/2013)¹⁷.

(21) Promotor é assassinado a tiros no sertão de Pernambuco (“O globo”, 14/10/2013)¹⁸.

As três notícias destacam o promotor assassinado como ponto de vista do FA. Ele também acumula a função de sujeito paciente topicalizado. Esse realce também valida a Hierarquia de Pessoa/Animacidade de Dik (1997a [1989]), que põe em destaque referentes humanos como ponto de partida do FA linguístico. Assim, de acordo com Dik (1997a [1989]), sentenças como (22) seriam menos frequentes:

(22) Tiros matam Promotor de Justiça.

Em (22), o termo “Tiros”, com papel temático de instrumental, é topicalizado e é o sujeito da sentença, mas apresenta o traço [-humano]. Construções como essas precisariam de motivações especiais para sua produção.

As manchetes (19), (20) e (21) também apresentam, com unanimidade, a localização espacial do EsCo. A explicação advém do fato de que nenhum dos meios jornalísticos selecionados para esta análise é de Pernambuco. Como dito anteriormente, a partir das reflexões de Bertoque e Casseb-Galvão (2010), em geral, as notícias de jornais localizados em cidades onde se deram os fatos narrados não apresentam satélites espaciais, por ele ser situacionalmente evocado (PRINCE, 1992); pelo contrário, quando a notícia é publicada fora do local dos eventos, faz-se necessário informar onde o evento se deu.

Quando se trata de um crime, os jornais se apressam em publicar o evento, mesmo sem conhecer o autor do crime, revelação que demora muito tempo a ser descoberta. Dessa maneira, o agente nas referidas manchetes não é apresentado, pois é um participante desconhecido. Por isso, há desarmonia entre fluxo de atenção natural e o linguístico, já que a sentença não pode ser construída sobre um agente desconhecido. A opção, então, é colocar em posição inicial a entidade conhecida, como o “promotor”, em (19), (20) e (21). Tal análise confirma a posição de Bertoque e Casseb-Galvão (2010), que apontam a construção de voz passiva como extremamente importante para a perspectivização, pois permite que se topicalize o paciente (vítima) e que se suprima o agente, dando saliência ao fato.

Pelo contrário, quando o jornal tem acesso ao nome de suspeitos, eles são apresentados, mas, geralmente, acompanhados de verbos conjugados no futuro do pretérito, como em (23):

¹⁶ Link da notícia não mais disponível, já que os arquivos do *blog* são a partir de 2014.

¹⁷ Link da notícia não mais disponível no *site* do jornal.

¹⁸ Extraído de: <<https://oglobo.globo.com/brasil/promotor-assassinado-tiros-no-sertao-de-pernambuco-10359124>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

(23) Comerciante seria mandante de crime contra sem-teto do DF, diz delegado (“G1 – Globo.com”, 06/03/2012)¹⁹.

No exemplo (23), também se percebe que a manchete foi enunciada com a utilização de um verbo de elocução, com menção ao nome de quem proferiu. Também é comum o uso de expressões como “De acordo com o titular da 33ª DP”, “Segundo a advogada que está cuidando do caso” etc. Geralmente, a fonte dos dados é alguém de autoridade, como um delegado, por exemplo, o que dá mais validade às informações. Tais atitudes têm o intuito de fazer com que o jornal não se comprometa com a veracidade das informações, que podem ser negadas a qualquer momento.

Nas próximas manchetes a serem analisadas, também se observa, em duas delas, o uso de verbos de elocução, como forma de apresentar informações sem se comprometer com seu valor de verdade:

(24) Queimadas provocaram apagão no Nordeste (“Blog Cardoso Silva”, 28/08/2013)²⁰.

(25) Apagão no NE foi causado por queimada no Piauí, diz ministro (“O povo”, 28/08/2013)²¹.

(26) Queimadas foram responsáveis por apagão no Nordeste, diz ONS (“O globo”, 28/08/2013)²².

Nos exemplos (25) e (26), o jornal dá voz a uma terceira pessoa, especialista no assunto, para que a informação seja considerada válida. A manchete (24), veiculada no *blog*, não traz esse argumento de autoridade, talvez porque, se a notícia for depois desmentida, não será uma falta tão grave como o seria em um jornal mais conhecido. Percebe-se também que as três notícias apresentam a localização espacial do EsCo, por meio da inserção dos satélites “no Nordeste” e “no Piauí”, mas, como nos exemplos anteriores, não constituem a informação mais saliente.

As manchetes (24) e (26) ressaltam o termo “queimadas” como ponto de partida do FA natural e linguístico. As queimadas, que funcionam como causativo, são responsabilizadas pelo apagão no Nordeste. Não há menção ao agente desencadeador das queimadas. A falta de menção ao agente e a inserção de um referente com traço [-humano] e [-animado] servem para tirar a responsabilidade de um agente humano. É possível também que não se tenha mencionado o agente das queimadas por ele não ser conhecido (GIVÓN, 2001).

A manchete (25) coloca como ponto de partida do FA linguístico o termo “Apagão no NE”. Há desarmonia entre o FA natural e o linguístico e, como pontuado por DeLancey (1981), a alternância de voz gerencia o FA. Nessa situação, a construção passiva ressalta o paciente, tratando-o como tópico. Segundo Bertoque e Casseb-Galvão (2010, p. 64), “a construção passiva é a representação linguística de um EsCo, representação esta que apresenta a

¹⁹ Extraído de: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/03/comerciante-seria-mandante-de-crime-contra-sem-teto-do-df-diz-delegado.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

²⁰ Link da notícia não mais disponível, já que os arquivos do *blog* são a partir de 2014.

²¹ Link da notícia não mais disponível no *site* do jornal.

²² Extraído de: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/queimadas-foram-responsaveis-por-apagao-no-nordeste-diz-ons-9734393.html>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

circunstância a partir do ponto de vista do argumento afetado pelo processo verbal, salientando o fato”. Nesse exemplo, o agente, um causativo, é mencionado, além de se topicalizar o paciente. DeLancey (1981) pontua que as passivas com menção ao agente são menos naturais do que as que não o mencionam, pois as primeiras revertem o FA natural, mas as últimas apresentam apenas uma das extremidades do evento.

Considerações finais

Este artigo se propôs a analisar, subsidiado por uma visão funcionalista da perspectivização (DELANCEY, 1981), notícias de jornais, verificando como são gerenciados o fluxo de atenção e o ponto de vista, apresentando os casos de harmonia entre FA natural e linguístico e as motivações para os desvios.

Os resultados mostraram que um pouco mais da metade das sentenças refletiu uma harmonia entre fluxo de atenção natural e linguístico, confirmando os postulados iniciais de DeLancey (1981). Os casos de desvio apresentavam outras motivações para sua produção, como, por exemplo, o uso de voz passiva para topicalizar um paciente, ressaltando seu caráter de vítima (BERTOQUE; CASSEB-GALVÃO, 2010).

Outra consideração importante foi quanto à inserção de satélites locativos nos títulos das notícias. Verificou-se que jornais locais geralmente não apresentam o lugar onde se deram os fatos, pois já é uma informação pressuposta. Por outro lado, jornais de alcance nacional ou internacional têm a tendência de situar a localização espacial do evento.

Em estudos posteriores, sugerimos o trabalho com novos dados, de maneira a verificar o alcance das investigações de DeLancey (1981) acerca da temática da perspectivização. Além disso, as investigações acerca das propostas do autor poderiam, também, ser observadas em demais línguas, além do português, como, por exemplo, no espanhol e no inglês.

The perspective in news headlines

ABSTRACT: We aim to verify, in journalistic headlines, the situations of harmony and disharmony between natural and linguistic attention flow, based on the Flow of Attention Hypothesis (DELANCEY, 1981) and the postulates of Functional Grammar (DIK, 1997a [1989], 1997b), from the analysis of sentences extracted from three online news sites. The results showed that, in most cases, the flow of natural attention harmonizes with the linguistic one, and the motivations for deviations (topicalizations, passivation, etc.) are inserted to highlight one of the participants of the described scene. It is concluded that the linguistic codification in the news sites is structured on pragmatic-discursive processes, that aid in the process of interpretation of the states-of-affairs narrated.

Keywords: perspective; viewpoint; attention flow.

Referências

BERTOQUE, L. A. D. P.; CASSEB-GALVÃO, V. C. C. Construções de voz em títulos de notícias e em manchetes: contribuição para o ensino. *Polifonia*, Cuiabá, UFMT, v. 17, n. 21, p. 53-84, 2010.

CAMACHO, Roberto G. O papel da estrutura argumental na variação da perspectiva. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP – FAPESP, 2002. p. 259-279.

DELANCEY, Scott. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language*, Baltimore, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

DIK, Simon C. *The theory of functional Grammar*. Part 1: the structure of the clause. 2 ed. rev. ed. Por Kess Hengeveld. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997a [1989].

_____. *The theory of functional Grammar*. Part 2: complex and derived constructions. 2 ed. rev. ed. Por Kess Hengeveld. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FILLMORE, C. The case for case re-opened. In: COLE, Peter; SADOCK, Jerrold. (ed.). *Syntax and Semantics*. v. 8. New York: Academic Press, 1977. p. 59-81.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GROOT, Casper de. The structure of predicates and verb agreement in Hungarian. In: DAALDER, S.; GERRITSEN, M. (Eds.). *Linguistics in The Netherlands*. Amsterdam: North-Holland, 1981. p. 149-158.

LOPES, Paula Cristina. *Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica*. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-linguagem.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

PEZATTI, Erotide Goreti. Uma Abordagem Funcionalista da Ordem de Palavras no Português Falado. *Alfa* (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 38, p. 37-56, 1994.

PRINCE, Ellen. The ZPG letter: Subjects, Definiteness, and Information Status. In: THOMPSON, S.; MANN, W. (Eds.) *Discourse Description: Diverse Analyses of a Fund Raising Text*. Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 295-325.

SILVA, G. M. de O. e. Um caso de definitude. *Organon 18*, A variação no português do Brasil, Instituto de Letras da UFGRS, p. 90-108, 1991.

Data de envio: 01/05/2018

Data de aceite: 17/12/2018